

O LUGAR DA FANFICTION NO ENSINO DE LITERATURA

EL LUGAR DEL FANFICTION EN LA ENSEÑANZA DE LITERATURA

Lucimar Pinheiro da Silva Sampaio 1

Resumo: Diante do quadro que se vivencia na educação com relação à inserção da tecnologia no cotidiano da juventude contemporânea e o que isso tem afetado a atividade de leitura dessa comunidade conectada, faz-se necessário que se ampliem os olhares acerca do ensino de literatura na educação básica. Na tentativa de contribuir para esta discussão, este artigo, parte da pesquisa que está sendo desenvolvida no programa Pós-Graduação em Literatura da UnB, vislumbra lançar um olhar a Fanfiction – texto ficcional criado por fãs de uma obra já existente – enquanto gêneros discursivos produzidos por jovens estudantes, bem como disseminados por eles por meio da tecnologia. Neste recorte, as considerações realizadas serão embasadas nas abordagens de gêneros discursivos de Bakhtin e nas concepções de leitura e leitores de Zilberman, considerando as interações discursivas que a fanfiction pode proporcionar em meio aos jovens leitores, embora não esteja presente no contexto formal de ensino.

Palavras-chave: Literatura. Fanfiction. Ensino.

Resumen: Frente al cuadro que se vive en la educación con respecto a la inserción de la tecnología en el cotidiano de la juventud contemporánea y lo que eso ha afectado a la actividad de lectura de esa comunidad conectada, se hace necesario que se amplíen las miradas sobre la enseñanza de literatura en la educación básica. En el intento de contribuir a esta discusión, este artículo, parte de la investigación que se está desarrollando en el Programa de Posgrado en Literatura de la UnB, vislumbra echar un vistazo a fanfiction – texto ficticio creado por los fans de una obra ya existente – mientras géneros discursivos producidos por jóvenes estudiantes, así como diseminados por ellos a través de la tecnología. En este recorte, las consideraciones realizadas se basarán en los enfoques de géneros discursivos de Bakhtin y en los conceptos de lectura y lectores de Zilberman, considerando las interacciones discursivas que las fanfictions pueden proporcionar en medio de los jóvenes lectores, aunque no están presentes en el contexto formal de enseñanza.

Palabras clave: Literatura. Fanfiction. Enseñanza.

Introdução

Na educação básica, o currículo do ensino médio passa por alterações com a implementação recente da Base Nacional Comum Curricular – BNCC, a qual foi idealizada para estabelecer prioridades na seleção de conteúdos, de maneira mais equânime em todo o país, elencando o que é significativo para um ensino de qualidade e respeitando as diversidades culturais.

Estas diretrizes se apresentam como uma proposta de renovação que revisita os conteúdos de todas as disciplinas, a fim de se estabelecer o que é significativo para o ensino no país, sem perder de vista que, deve ser incorporada “aos currículos e às propostas pedagógicas, a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora” (MEC, 2019, p.19).

Esta fundamentação legal faz-se necessária para embasar um processo de ensino aprendizagem que se pretende inovador, considerando também as consequências que a tecnologia trouxe para as relações sociais, a qual tem promovido grandes impactos no processo de ensino.

Neste sentido, uma das competências gerais que o documento apresenta já nas primeiras páginas diz respeito à necessidade do uso das tecnologias de informação e comunicação, de forma crítica e reflexiva a fim de produzir conhecimento. Embora seja uma de várias competências que o documento apresenta neste sentido, demonstrando atenção às mudanças que a sociedade presencia a partir da inserção da tecnologia no seu cotidiano, é preciso um avanço estrutural e de conscientização da comunidade escolar para alcançar tal aprimoramento do ensino.

Tecnologia e ensino de literatura

Mais precisamente no tocante ao ensino de literatura, as propostas da BNCC reforçam a ideia de estabelecer o processo de aprendizagem a partir da diversidade cultural, sugerindo, inclusive, ações que vão de encontro ao que se pretende abordar neste artigo, quando se refere à inserção da tecnologia nas metodologias de aprendizagem. Numa das seções denominadas *Campo artístico-literário* da referida Base, o documento sugere a seguinte atividade prática:

Produzir apresentações e comentários apreciativos e críticos sobre livros, filmes, discos, canções, espetáculos de teatro e dança, exposições etc. (resenhas, *vlogs* e *podcasts* literários e artísticos, *playlists* comentadas, *fanzines*, *e-zines* etc.) (MEC, 2019, p. 526).

Nesta seção, vê-se que o documento já sugere métodos que desemboquem em práticas mais contextualizadas com a atualidade, entretanto, o que ainda predomina no ensino - mais especificamente de literatura, que é o nosso enfoque - são reproduções de aulas tradicionais, em moldes que resumem o processo de aprendizagem à abordagem única de apresentação de cânones, interpretações de trechos literários, exposições de autores e contextos históricos.

Neste sentido, têm-se aulas envoltas em metodologias alicerçadas tão somente na abordagem de aspectos formais de determinada obra e autor, ignorando a análise crítica que poderia envolver o estudante em situações de ensino mais significativas, de modo que ele se sentisse instigado a conhecer mais sobre o assunto, o livro abordado ou o autor ao término da aula.

Na contemporaneidade, a escrita e a leitura também são influenciadas pelo avanço tecnológico e as produções textuais, que se veem atingidas por essa evolução, possibilitam ao leitor o contato com textos multimodais de expressiva carga semiótica capaz de estimular vários sentidos humanos concomitantemente.

A internet desterritorializa não só a produção, mas também e, principalmente, o conceito, por permitir que novos produtores construam novos projetos artísticos, literários em espaços voláteis, fluidos, através da experimentação da hibridação de vários elementos midiáticos (NEVES, 2014, p. 79).

Diante desta inserção massiva da tecnologia na vida do jovem estudante, a leitura de obras literárias canônicas perde um pouco de destaque em meio a este público, que se volta quase que integralmente para os atrativos que surgem ao estar conectado. Neste caso específico é comum, por exemplo, trocar a leitura de um livro indicado em sala por resumos já prontos na internet, a fim de cumprir uma atividade escolar; ou até mesmo iniciar uma leitura a partir da indicação de blogueiros, os quais vêm ganhando mais popularidade e espaço nas redes virtuais. Vale mais, então, o que estes internautas indicam e, nem sempre, ou quase nunca, são cânones literários, distanciando ainda mais o estudante leitor das propostas literárias tradicionais de ensino.

No ensino médio, o ensino da literatura limita-se à literatura brasileira, ou melhor, à história da literatura brasileira, usualmente na sua forma mais indigente, quase como uma cronologia literária, em uma sucessão dicotômica entre estilos de época, cânone, dados biográficos dos autores, acompanhada de rasgos teóricos sobre gêneros, formas fixas e alguma coisa de retórica em uma perspectiva para lá de tradicional (COSSON, 2016, p. 21).

Para romper com essa tradição de ensino, é necessário ampliar as propostas pedagógicas e ir ao encontro do que se conecta com o jovem leitor que está em sala, desinteressado pelo cânone e precisando de práticas de leituras para desenvolver habilidades que lhes serão cobradas futuramente e dependerão bastante da sua boa condição enquanto leitor estudante.

Entretanto, o desinteresse do aluno pela leitura proposta em sala é perceptível e vem aliado à forma que utiliza para se informar, adquirir conhecimento e se comunicar, valendo-se de recursos facilitadores da internet, tornando tais funções mais acessíveis, rápidas, dinâmicas, interativas e, conseqüentemente, mais alinhadas à sua geração.

Isso se vê, por exemplo, com surgimento de novas categorias de autores, como no caso dos *Youtubers* cuja popularidade é alarmante entre os jovens. Eles ultrapassaram a função de disseminadores de conteúdos diversos por meio plataformas de vídeos e tornaram-se escritores, relatando suas experiências ou explorando temas que observam ser de interesse do público que os segue. Estes autores que surgem a partir de uma categoria muito específica de leitores empregam novos sentidos à escrita e à leitura, muito voltados também às demandas do mercado editorial.

O sentido é potencialmente infinito, mas só pode atualizar-se em contato com outro sentido (do outro), ainda que seja com uma pergunta do discurso interior e do sujeito da compreensão. Ele sempre há de contatar com outro sentido para revelar os novos elementos da perenidade (como a palavra, revela os seus significados somente no contexto) (BAKHTIN, 2017, p. 41).

Para estes leitores do século XXI, a tecnologia tem papel fundamental na construção de sentidos que porventura buscam na leitura, pois eles comumente lidam com variados estímulos textuais (texto verbal, não verbal, música, vídeos, etc.) ao mesmo tempo e desenvolvem ações múltiplas de leitura.

O que são *fanfictions*?

Ao se observar o processo de leitura de jovens estudantes e a relação que têm com o ambiente virtual, entende-se um pouco o grande interesse que demonstram por um tipo de texto que tem muita popularidade em redes virtuais: as *fanfictions*. É bem verdade que as *fanfictions* não surgiram no ciberespaço, mas atualmente é o local onde elas se acomodaram devido à capacidade de expansão e à facilidade de acesso que o ambiente proporciona, tanto para criação quanto para divulgação.

Considera-se *fanfictions* ou *fanfics*, textos produzidos por fãs de determinadas obras para dar continuidade a histórias, mudar finais, criar novos enredos para personagens especí-

ficis e tudo que a criatividade dos autores alcançar diante de uma obra original da qual eles são bastantes fãs. Estas narrativas não se limitam à interação com livros, pois há *fanfics* de séries, programas de TV e até jogos, e não necessariamente resultam numa produção artística do mesmo gênero da original.

O deslocamento do eixo hegemônico que ocorre da cultura dominante para outras denominadas subalternas não é providencial, mas consequência de resistências no interior de uma arena de tensões entre dominador e dominado, entre as normas e suas rupturas, entre a ideologia e a contraideologia, senso e contrassenso, entre o fechamento e a multiplicidade, entre o centro e a marginalidade. A relação que se dá entre/nessas dicotomias, apesar da oposição, é também uma relação dialógica e de completude, pois não se excluem, completam-se (NEVES, 2014 p.107).

*Fanfiction*s podem representar algumas destas dicotomias se pensarmos no efeito que têm causado nos jovens estudantes leitores que não se interessam pelas indicações de cânones nas aulas de literatura e, em contrapartida, são consumidores destas narrativas em ambientes virtuais.

Os autores de *fanfiction*s dedicam-se a escrevê-las em virtude de terem desenvolvido laços afetivos tão fortes com o original, que não lhes basta consumir material que lhes é disponibilizado, passa a haver a necessidade de interagir, interferir naquele universo ficcional, de deixar sua marca de autoria (VARGAS, 2015, p. 22).

Ainda segundo Vargas (2015), a *fanfic* se disseminou e popularizou no Brasil no ano de 2000 a partir das obras *Harry Potter*, de J. K. Rowling, responsáveis por fazerem surgir uma infinidade de autores fãs, os quais repensavam inúmeras possibilidades de novas histórias, tornando-as populares por meio do ambiente virtual.

Numa busca rápida no *Google* da palavra *fanfiction*, é possível encontrar vários *sites* hospedeiros de *fanfics* e entender, embora numa análise simples e superficial, que a produção já expandiu bastante e os temas ou inspirações não se restringem mais ao que foi detectado inicialmente no texto de Vargas no ano 2000. Além da diversidade de opções de *sites*, há atualmente uma série de aplicativos para *smartphones*, tornando estes textos ainda mais acessíveis para a comunidade de *fanfiqueros*. Para se ter uma ideia, Neves traz outros dados, que embora já passem de uma década, demonstram o quanto estas produções fazem sucesso entre os jovens:

Atualmente, é impossível contabilizar quantos sites dedicam-se à publicação de *fanfics*, já que centenas de jovens publicam suas histórias de forma descentralizada em blogs pessoais, páginas de grupos de amigos ou *sites* dedicados a “gêneros” ou universos ficcionais específicos. Um dos mais populares *sites* dedicados a *fanfics*, o *fanfiction.net*, possuía mais de 1,3 milhão de usuários cadastrados em outubro de 2007, dentre os quais muitos brasileiros, mas mesmo esse não pode ser utilizado com parâmetro único (2014, p. 111).

Neste universo de escrita e leitura de fãs que não se contentam com a leitura da obra original, há vários sujeitos que formam um sistema de produção na internet cujas funções vão surgindo a fim de aprimorá-lo. Aqueles que escrevem as narrativas são chamados de *ficwriter* e os leitores brasileiros são denominados *fanfiqueros*. Além deles, há também o *beta reader* que têm a função de analisar o trabalho do autor antes de ser publicado, avaliando se está pronto ou precisa de ajustes.

Há também vários conceitos muito específicos deste universo de escrita, como *ca-*

non, *fanon*, universo alternativo, *crossover* entre outros. O *canon* é a obra original que o fã utiliza para criar a sua *fic* – outra abreviação para *fanfiction* - que pode ser um livro, um filme, uma série etc. Os *fanons* são criações realizadas a partir do *canon*, que embora tenham pouca ou nenhuma relação com a obra original tem grande aceitação pelo público leitor e pode, inclusive, servir de elemento para outras *fanfics*. Já o universo alternativo, ou *alternative universe*, é a alteração do ambiente do *canon* na criação da *fanfic*. E, por fim, embora haja uma infinidade de termos relacionados a esta atividade de escrita e leitura, *crossover* são *fanfictions* que reúnem personagens de diferentes *canons* em uma única ficção de fã.

Nesta breve explanação sobre o universo das *fanfics* já é possível refletir sobre o desempenho destes jovens que estão interagindo com textos, demonstrando protagonismo e domínio de gêneros discursivos, ao explorar habilidades que desenvolvem por meio das leituras espontâneas, pelas quais se sentem motivados, a ponto de servirem-lhes de inspiração para suas criações.

A conta que não fecha é que, nestes *sites*, os jovens, muitas vezes apontados como desinteressados por atividades que envolvam leitura e escrita nas aulas de literatura, são os autores das ficções de fãs, os responsáveis por selecionar textos e divulgá-los em seus ambientes virtuais, os revisores, bem como os próprios leitores. Somado a isso, muitas vezes tecem comentários – *review* - sobre as obras lidas, interagindo com o público e explorando o papel da crítica. Para Zilberman, o ensino médio “nem sempre leva em conta a experiência do alunado, obrigando-o a absorver conhecimentos científicos e técnicos de que ele abrirá mão assim que abandonar essa etapa de sua educação formal” (2010, p. 212).

O que se percebe, é que há uma metodologia pronta que envolve a criação, distribuição e recepção das narrativas de fãs e ela ultrapassa a presença de um único gênero discursivo, pois deste, que por si já é múltiplo, surgem inúmeros outros, por meio da intertextualidade, dialogicidade e interação com e entre textos, autores e leitores.

Os gêneros têm um significado particularmente importante. Ao longo dos séculos de sua vida, os gêneros (da literatura e do discurso) acumulam formas de visão e assimilação de determinados aspectos do mundo. [...] O próprio autor e os seus contemporâneos veem, conscientizam e avaliam antes de tudo aquilo que está mais próximo do seu dia de hoje. O autor é um prisioneiro de sua época, da sua atualidade. Os tempos posteriores o libertam dessa prisão, e a ciência da literatura tem a incumbência de ajudá-lo nessa libertação (BAKHTIN, 2017, p.16).

Vê-se, então, um leque de possibilidades de ações que envolvem leitura, escrita, interpretação, argumentação, crítica, entre outras habilidades que o professor percorre em suas aulas, muitas vezes sem o êxito que gostaria de alcançar, e estão sendo desempenhadas pelos estudantes no ambiente virtual por meio da criação e leitura de *fanfictions*.

Neste sentido, é possível olhar para as *fanfictions* como exemplos de gêneros discursivos da contemporaneidade que têm arrebatado jovens leitores da era tecnológica na qual estão inseridos, propiciando uma ressignificação do modo de interagir com textos, aliando a tecnologia à prática de leitura e à escrita prazerosa.

Valorizando a leitura, ao acolher diversas modalidades de expressão que se estendem para além do livro, ou alargando o conceito de literatura, ao deixar de limitá-lo à noção do conjunto de obras clássicas consagradas pela tradição e matéria de exame de concursos, o ensino médio pode abrir perspectivas renovadoras, acolhendo e valorizando o cabedal cultural importado pelos alunos para o ambiente estudantil (ZILBERMAN, 2010, p. 213-214).

Diante dessa necessidade de ampliar as metodologias de ensino é preciso se voltar para o cerne da questão e revisar o que se tem, com um olhar mais apurado para o contexto em

volta, descartando o que está obsoleto. Cabe perguntar, então, o que vem a ser literatura. Em virtude dos inúmeros conceitos aos quais se pode recorrer, Marisa Lajolo traz uma formulação de modo um pouco metaforizado, que talvez será o mais apropriado para fundamentar o que aqui se propõe:

A literatura é a porta de variados mundos que nascem das inúmeras leituras que dela se fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção, na última fala da representação nem na última do hipertexto. Permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de leitura de cada um (LAJOLO, 2018, p. 55-56).

Este é uma das várias explicações que Lajolo empregou para literatura no seu livro *Literatura ontem, hoje, amanhã*. Por meio de uma conversa com o leitor, a autora vai construindo conceitos, fazendo com que ele entenda os já formulados ao longo do tempo e perceba que há sujeitos reguladores do que deve ser considerado literatura. Neste viés, então, é preciso repensar o cânone e como ele deve ser inserido no ensino, de modo que auxilie mais do que afaste o jovem leitor do ato de ler, como vem acontecendo atualmente.

Na escola, a literatura canônica é importante para o ensino por uma série de questões que vão desde o conhecimento de obras importantes no cenário cultural do país à possibilidade de aprimorar a compreensão textual, passando pelo estudo do processo da escrita em contextos diversos. No entanto, não é um ensino que atrai jovens leitores, considerando também a forma como alguns livros são abordados em sala. O que se vê, na prática, é um ensino desconectado da contemporaneidade, que ignora as características dos leitores nativos da era digital.

Aceitar a existência do cânone como herança cultural que precisa ser trabalhada não implica prender-se ao passado em uma atitude sacralizadora das obras literárias. Assim como a adoção de obras contemporâneas não pode levar à perda da historicidade da língua e da cultura. [...] A literatura na escola tem por obrigação investir na leitura desses vários sistemas, até para compreender como o discurso literário articula a pluralidade da língua e da cultura (COSSON, 2016, p. 34).

Este meio termo traçado por Cosson (2016), tão difícil de se alcançar, já está disposto nas novas diretrizes curriculares de ensino, entretanto demandam tempo para saírem do papel e ganharem, na prática, os ambientes de ensino. Há uma população grande de educadores que não se sentem confortáveis em trabalhar com novas tecnologias em sala, muitas vezes, por se sentirem inseguros, tendo em vista que não são nativos digitais como seus alunos; por ainda acreditarem unicamente nos conteúdos e metodologias tradicionais, avaliando-os como imprescindíveis na formação de jovens que estão prestes a participar de vestibulares; ou até mesmo por manterem a noção errônea de que só o cânone é capaz de formar um bom leitor.

Caso o professor resolva fugir a esse programa restrito e ensinar leitura literária, ele tende a recusar os textos canônicos por considerá-los pouco atraentes, seja pelo hermetismo do vocabulário e da sintaxe, seja pela temática antiga que pouco interessaria aos alunos de hoje. A essa percepção agregam-se as discussões sobre o cânone, que, deslocadas do jogo de forças da academia, são ressignificadas na escola como mera inculcação ideológica e, por isso mesmo, implicam o abandono da leitura de obras antes consideradas fundamentais (COSSON, 2016, p. 22).

Em alguns casos, a exaltação do cânone é reflexo de um pensamento já sacralizado de que ensinar algo diferente dessa categoria é negligenciar o ensino de literatura. Nesta linha,

Perrone-Moisés (2016) delimita:

A pretensa democratização do ensino, como nivelção baseada na “realidade dos alunos” redundará em injustiça social. Oferecer ao aluno apenas aquilo que já consta em seu repertório é subestimar sua capacidade de ampliar seus conhecimentos e privá-lo de um bem a que ele tem direito. Ensinar é elevar progressivamente o nível dos alunos, alargar seus repertórios e aprimorar sua proficiência linguística. Cabe então, ao professor de literatura, escolher as obras que constarão em seus programas não em função de uma atualidade que pode ser apenas modismo, mas em função das qualidades literárias das obras, passada ou recente (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 81)

Neste caso, se pensarmos que a democratização do ensino realmente redundará em injustiça, teremos que repensar o objetivo a ser alcançado nas aulas de literatura. Não há como elaborar proposta de ensino, ignorando o contexto social atual do aluno e, ao mesmo tempo, buscar efeitos satisfatórios. É bem verdade que privá-lo do conhecimento da existência de um processo de escrita que é diferente do que ele vivencia, ressaltando a importância das obras nos momentos históricos em que surgiram e a relevância enquanto influenciadas e influenciadoras de um contexto, pode ser considerado uma forma de negligenciar, mas fazer desse tópico o primordial para que este estudante entenda o que é literatura, reflete um pouco o caos e a insatisfação diante dos resultados, tanto para o professor, que não alcança seus objetivos, quanto para os estudantes, que não se sentem atraídos por determinadas obras e, consequentemente, pela leitura como um todo.

Uma política de leitura direcionada para o ensino médio não pode ignorar a bagagem de leitura que o aluno desse nível traz consigo ao chegar à escola e entrar na sala de aula. Mas cabe igualmente pensar as tarefas possíveis colocadas ao professor, sem deixá-lo ao desamparo ou apelar para o espontaneísmo e à boa-vontade como instrumentos de solucionar graves problemas sociais e culturais (ZILBERMAN, 2010, p. 215).

O ambiente virtual abriu novas possibilidades de ensino e de aprendizagem, entretanto a escola ainda não conseguiu realizar a interação que deveria para utilizá-lo como recurso ou metodologia. A mediação tecnológica rompeu barreiras antes intransponíveis de convivência, de diálogo, de informação, de relações interpessoais, mas ainda não se faz confortável no ambiente escolar.

A tela simboliza a popularização e desterritorialização da arte, o igualamento das espécies de texto, o nivelamento social, etário, étnico, de gênero – dos consumidores, enfim, a democratização, porventura a almejada socialização dos meios de criação, produção e circulação dos bens culturais (ZILBERMAN, 2010, p. 232).

Os mesmos sujeitos que se veem conectados integralmente na realização de ações mais diversas como compras *on-line*, uso de transporte por aplicativos, comunicação com robôs via ligação telefônica, ou até mesmo o consumo de um simples café que será pago e feito na interação com uma máquina, não conseguiram ajustar de forma simples, como nas ações anteriormente descritas, metodologias de ensino mediadas pela tecnologia. Sendo assim, como propor um ensino que faça sentido e traga significação para jovens estudantes do século XXI que recebem diariamente muitos e novos estímulos na vida social dos vários aparatos tecnológicos que administram?

Fanfiction e o ensino de literatura. Por que sim?

Ensinar literatura utilizando *fanfictions* está longe de ser uma solução para o problema que a escola enfrenta ao tentar formar jovens leitores na contemporaneidade midiática, mas dentre metodologias diversas, pode ser uma possibilidade de gênero discursivo que dialogue de maneira eficaz com os nativos digitais. Este viés é reforçado em Zilberman (2010), que também acolhe a ideia que é preciso estar em consonância com o que o jovem já traz consigo de experiência ao estudar literatura na escola:

Difícilmente um aluno que chega ao ensino médio desconhece inteiramente textos escritos, logo, ele traz alguma bagagem de leitura, que pode constituir o ponto de partida do professor. Nesse sentido, as escolas poderiam valorizar a cultura trazida pelo aluno, qualquer que ela seja; e, a partir daí, fazê-lo entender a diversidade cultural. (ZILBERMAN, 2010, p. 212)

Por vezes, não é uma tarefa fácil para o educador entender esses novos movimentos da sociedade, no entanto há de se buscar este avanço por meio de formação, estudos e pesquisas, a fim de sair do formato tradicional a que ele já está condicionado e entender um pouco o universo do aluno para, quem sabe, construir coletivamente a metodologia para o conteúdo que pretende abordar. Sobre essa disposição do educador e as consequências dessa ação que o tira da zona de conforto, Zilberman (2010) também discorre:

A experiência dos alunos é, às vezes, mais diversificada que a do professor, já que emprega diferentes formas de comunicação que se estendem dos grafites em muros e paredes à escrita digital, como usuários de *sites* de relacionamento, *chats* e blogues, leitores e criadores de *fanfiction*. [...] A variedade cultural trazida pelo estudante para a sala de aula coloca o professor diante da necessidade de escolher o material mais indicado para trabalhar (ZILBERMAN, 2010, p. 212-213).

Neste caso, tudo depende muito dos objetivos que o educador tem traçado para suas aulas. Muitas vezes os resultados obtidos são frustrantes por haver uma discrepância muito grande entre o que se pretende alcançar e o método utilizado enquanto percurso de ensino.

Retomando a BNCC (2019), já existe uma discussão neste sentido na diretriz, na qual determina que não se pode restringir o ensino da literatura a biografias de autores, características de época ou resumos, pois esta delimitação “tem relegado o texto literário a um plano secundário do ensino (MEC, 2019, p. 499). De forma ainda mais detalhada, o documento especifica em um dos tópicos que para desenvolver habilidade de leitura e escrita por meio da literatura deve-se levar em conta também:

a ampliação de repertório, considerando a diversidade cultural, de maneira a abranger produções e formas de expressão diversas – literatura juvenil, literatura periférico-marginal, o culto, o clássico, o popular, cultura de massa, cultura das mídias, culturas juvenis etc. – e em suas múltiplas repercussões e possibilidades de apreciação, em processos que envolvem adaptações, remediações, estilizações, paródias, HQs, minisséries, filmes, videominutos, games etc. (MEC, 2019, p. 500).

Tal excerto serve para reforçar a ideia de que é preciso explorar a pluralidade de produções artísticas, sem a necessidade de excluir o ensino dos clássicos, tampouco outras formas de expressões literárias que contemplem o cotidiano do estudante e o seu lugar na sociedade contemporânea. Sendo assim, vale a tentativa de conciliar atividades múltiplas, entendendo contextos na busca de um conhecimento mais abrangente, ao invés de excludente.

No ensino médio, o ensino de literatura passa também pela problematização do que é necessário para a realização do vestibular. Manter a aprendizagem com foco nas provas de acesso às universidades é uma situação que atinge os currículos escolares desta modalidade

de ensino, pois é uma demanda da comunidade escolar. Zilberman (2010), vê esta situação como um dos caminhos que o professor de literatura se vê muitas vezes obrigado a seguir, num processo de ensino que se torna similar ao que se realiza em cursinhos:

Essa opção parece comprometer as finalidades pedagógicas do ensino médio, pois, dessas, como se disse, o exame de ingresso à universidade parece estar ausente; contudo, é ela que responde mais imediatamente a um dos interesses principais do aluno ao frequentar a escola nessa fase (ZILBERMAN, 2010, p. 205).

Pensar em leituras que não são consagradas como cânones, parece afastar o ensino de literatura do que é aceitável e correto para fins de formação de leitores nesta perspectiva de concorrência que os vestibulares pregam, entretanto, é preciso também estar atento a esses leitores jovens que estão conectados a outros ambientes de leitura e de apropriação do conhecimento. Quando este jovem se conecta com textos não inscritos nos currículos de ensino ou nas listas de vestibulares e, mesmo assim, conseguem avançar na sua formação educacional com êxito, percebe-se que é possível indicar outros gêneros na escola e trazer este estudante para a troca de conhecimento no ambiente de ensino, fazendo uma conjunção entre o que a instituição pode e deve oferecer, com o que o jovem traz consigo de repertório cultural e o que a tecnologia pode proporcionar; tudo em prol de um ensino significativo.

Muitos educadores não aceitam as reformulações no ensino e ficam indiferentes às demandas que os jovens apresentam. Ignorar a posição do estudante nesta modalidade dificulta o diálogo e a produção de conhecimento, pois os interesses não estão alinhados aos objetivos da aula. Pensar o ensino como transmissão de conhecimentos de forma autoritária e centrada no educador não condiz com o ambiente colaborativo de ensino que se mostra mais próximo do que vivemos atualmente.

Para Bakhtin (2017), os gêneros surgem e se estabelecem de acordo com a época e o contexto da sociedade. Em se tratando de sociedade de uma era digital, uma infinidade de gêneros surge para contemplar a mediação tecnológica e, como é um espaço em constante evolução, este surgimento é uma eterna constância.

Os gêneros têm um significado particularmente importante. Ao longo de séculos de vida, os gêneros (da literatura e do discurso) acumulam formas de visão e assimilação de determinados aspectos do mundo. Para o escritor-artesão, os gêneros servem como chavão externo, já a grande artista desperta neles as potencialidades de sentido jacentes (BAKHTIN, 2017, p. 18).

Ao considerar a *fanfic* como um gênero discursivo, emprega-se a ela o sentido de uma produção textual que traz consigo características específicas dentro de um determinado contexto, do qual ela se vale para existir. Neste caso, a sua existência - que decorre de um outro texto - a sua disseminação por meio do uso da tecnologia, a criatividade que lhe é imposta para se desprender do texto original e ganhar vida quase que autônoma e as características quanto à forma que lhe são peculiares.

O contexto social, cultural e histórico é fundamental para compreender as características de um texto como *fanfic* e sua importância na comunidade leitora atual, pois sua formação e disseminação são provenientes de uma geração que tem a vida permeada pelo uso das tecnologias.

A literatura é parte inseparável da cultura, não pode ser entendida fora do contexto pleno de toda a cultura de uma época. É inaceitável separá-la do restante da cultura e, como se faz constantemente, liga-la imediatamente a fatores socioeconômicos, passando, por assim dizer, por cima da

cultura (BAKHTIN, 2017, p. 11).

Se não se compreende e valoriza a diversidade cultural no ensino, pode-se incorrer no erro de classificar como cultura apenas o que parte da sociedade que detém poder aquisitivo determinar como tal. Neste caso, vale ressaltar que essa possibilidade de elitização cultural explanada diz respeito à “crença na autoridade de uma minoria seleta, o que, em termos culturais, costuma sugerir que os valores ou são ou deveriam ser restritos a um grupo privilegiado” (EAGLETON, 1998, p. 93)

As *fanfics*, já na sua concepção, propõe uma nova ordem de criação e disseminação de textos, pois surgem a partir da ideia de autores, em sua maioria, jovens, desconhecidos, que elaboram narrativas a partir de obras já consagradas e, na contemporaneidade, são lançadas por meio das redes virtuais, onde são distribuídas e bastante consumidas sem precisar, necessariamente, de um mercado editorial.

Considerações Finais

Analisar o contexto mediado pela tecnologia e colocá-la como aliada no ensino pode ser de grande relevância para que as práticas de ensino se modernizem sem que se perca o foco na construção do conhecimento.

Pensando em como a internet afeta o modo como os jovens lidam com a leitura e, consequentemente, o ensino de literatura nas escolas, entender os momentos históricos, culturais e sociais pode revelar ao educador novas práticas de ensino capazes de ampliar a capacidade de aprendizagem dos estudantes, bem como torná-la mais significativa, como se espera atualmente nas novas diretrizes que norteiam a educação formal.

Desse modo, o uso ou a criação de *fanfictions* nas escolas tem como objetivo trazer à tona as habilidades que estes textos são capazes de explorar nos ambientes virtuais e transportá-los para a sala de aula, saindo um pouco da tríade na qual o ensino de literatura está centrado: contexto, autor e obra.

Não se trata de descartar conteúdos ou ignorá-los, mas pensar em novas fórmulas para difundir-los, como sugerir a criação de um novo final para um texto, escolher como *canon* uma obra literária que está no conteúdo selecionado para determinada aula, ou até mesmo criar um *crossover* entre dois cânones de determinados movimentos literários.

Ficou perceptível que num sistema de escrita que envolve a criação de *fanfics* tem-se, no mínimo, o trabalho de autoria, de intertextualidade, criatividade e até a apropriação do uso da linguagem, da sintaxe e semântica. Ao voltar-se o olhar para a leitura, tem-se a posição crítica, o interesse e o prazer.

Se houver o intuito de trazer o jovem estudante para a prática de leitura também em sala de aula, propostas mais condizentes com o público alvo tendem a surtir melhores efeitos. Vale refletir sobre esta prática que está se mostrando capaz de democratizar a produção e divulgação de uma obra, seja a original, seja a ressignificada, devido aos meios tecnológicos, e já é uma realidade presente na vida do jovem leitor contemporâneo.

Construir esta aliança entre o ensino de literatura e a tecnologia pode dar um novo fôlego a esta disciplina que vem sofrendo com o desinteresse demonstrado por boa parte do alunado, pelo fato de não atribuir a significação necessária, tendo em vista o modo em que as aulas tradicionais são conduzidas.

Sendo assim, mantém-se o estudo dos cânones, fazendo com que os alunos se interessem pela leitura e consigam fazer suas escolhas, entendendo que a pluralidade de conhecimento é que fará com que eles alcancem seus objetivos durante e após o ensino médio, sabendo que o ato de ler sempre será fundamental, independentemente de suas opções.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. São Paulo: Editora 34, 2017.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2016.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Tradução Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 1998.

JAMISSON, ANNE. **Fic: por que a fanfiction está dominando o mundo**. Tradução de Marcelo Barbão. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: ontem, hoje e amanhã**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

MEC. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 14 de outubro de 2019.

NEVES, André de Jesus. **Cibercultura e Literatura: identidade e autoria em produções culturais participatórias e na literatura de fã (fanfiction)**. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

PERRONE-MOISÉS, Leila. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

VARGAS, Maria Lucia Bandeira. **O fenômeno fanfiction: novas leituras e escrituras em meio eletrônico**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2015.

ZILBEMAN, Regina. **A leitura e o ensino de literatura**. Curitiba: Ibpex, 2010.

Recebido em 2 de dezembro de 2019.

Aceito em 17 de janeiro de 2020.